

Conversão na mira

Detalhe
Uma chuvarada generosa de investimentos incentivados, via conversão da dívida externa em capital interno, é o que o Nordeste espera e venera. Hoje, em Recife, na sede da Sudene, o ministro do Interior, João Alves Filho, instala o seminário "A conversão da dívida externa". Na mesa, diretores do Banco Central e técnicos da CVM — Comissão de Valores Mobiliários, "xerife" do mercado brasileiro de ações. O modelo de conversão, regulamentado na semana passada, canaliza recursos favorecidos para empresas e projetos das regiões Norte e Nordeste, sob o guarda-chuva da Sudam e da Sudene.

Fundos especiais deverão cuidar da conversão para o Norte e Nordeste. Foi o que anunciou, segunda-feira, em São Paulo, no seminário "Perspectivas da economia brasileira", da Ordem dos Economistas, o presidente da CVM, Arnaldo Wald. Os fundos especiais, administrados por corretoras, poderão injetar nas áreas da Sudam e da Sudene, ainda este ano, perto de US\$ 1 bilhão, na avaliação de Wald.

Paraná ligado

Em Curitiba, também hoje, empresários do Paraná vão discutir as regras do novo jogo com o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo. Os paranaenses sustentam que o "melhor risco" da região Centro-Sul, nos anos 90, para os investidores estrangeiros, está na economia do Paraná, em processo de "balanceamento": uma forte base agrícola armando o trampolim para o grande salto da indústria.

Os empresários do Paraná querem tomar a dianteira na corrida ao ouro da conversão. Eles se organizam para fazer do Estado o segundo pólo de atração dos investimentos "convertidos" — na esteira de São Paulo, mas na dianteira do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Ensaio no Rio

Dois leilões simulados, o primeiro na sexta-feira e o segundo na segunda-feira, vão ajustar a mira do primeiro leilão oficial da conversão, marcado para terça-feira, dia 29. Os leilões simulados vão acontecer na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, que também se organiza para liderar o fluxo de conversão via bolsas.

Os ensaios devem calibrar uma estréia de gala: a conversão de US\$ 150 milhões, primeira

parcela autorizada de uma conversão total que pode chegar aos US\$ 36 bilhões, em dez anos, na estimativa de alguns peritos empolgados.

Se depender do lado de cá do balcão, o dos "conversores" nacionais, a pescaria vai ser um espanto: além dos fundos especiais projetados para o Norte e Nordeste, a CVM já registrou 26 fundos de conversão, com mais 29 pedindo passagem. Segundo Arnaldo Wald, se tudo correr nos trilhos, "vai dar para converter, ainda este ano, alguma coisa parecida com US\$ 4 bilhões".

Na toca da onça

Quer dizer: tudo vai depender da vontade expressa do outro lado do balcão, os bancos credores que vão empurrar a inadimplência tupiniquim para candidatos a sócios da economia brasileira. Nos leilões das bolsas serão convertidas dívidas já vencidas e depositadas no Banco Central, com desconto ou deságio apurado pelo mercado.

Para sondar a vontade dos investidores externos no "bom risco" chamado Brasil, as bolsas brasileiras vão patrocinar um seminário sobre conversão, em Nova Iorque, agora em abril. O seminário deve reunir banqueiros, corretores e multinacionais.

Objetivo da promoção: trocar em miúdos a regulamentação da conversão e fazer "catequese" sobre a segurança física de investimentos de risco no Brasil — potência emergente do terceiro milênio.

Tiro de partida

A maior conversão já em exame tem endereço: Autolatina. O valor ainda é segredo. Os estudos empenham executivos da empresa e técnicos do Banco Central. No lado externo, o Chase Manhattan Bank.

O setor privado, nacional e multinacional, quer antecipar-se na disputa da conversão ao bloco estatal. Os gigantes de chapa-branca, meia dúzia deles, exercem enorme poder de sedução sobre investidores estrangeiros. Mas a conversão nas estatais pode enrolar-se nas próprias pernas. Esse processo de privatização homeopática ainda terá de aguardar a criação e regulamentação de "ações especiais para conversão" — sem direito a voto.

Uma proposta lateral é não menos enovelada: abrir a conversão apenas para a participação em empreendimentos estatais novos, segundo uma escala de prioridades ainda não ajuizada.